

# **Museu do Território Líquido: O Patrimônio Cultural na Estância *Hidromineral de Monte Alegre do Sul***

***Museo del Territorio Líquido:  
El patrimonio cultural en el complejo  
hidromineral Monte Alegre do Sul***

***Museum of the Liquidy Territory:  
The Cultural Heritage of the Estancia  
Hidromineral de Monte Alegre do Sul***

***Eduardo Spinazzola***

*Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da  
Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.  
eduardospinazzola@gmail.com*

## Resumo

Neste artigo são apresentadas as bases conceituais e um ensaio projetual para a implantação do denominado Museu do Território Líquido, a partir do estudo de caso da Estância Hidromineral de Monte Alegre do Sul, com foco em sua paisagem de borda d'água. Adotando os conceitos da Nova Museologia, ressaltamos a interdisciplinariedade, a participação da comunidade e a valorização do Patrimônio Cultural, como fatores fundamentais para o reflexo direto no desenvolvimento social da própria população.

**Palavras-Chave:** Museu. Museologia. Museu de território. Patrimônio cultural. Desenho urbano. Meio ambiente urbano. Arquitetura paisagística. Paisagismo urbano. Infraestrutura verde.

## Resumen

*Este artículo presenta la base conceptual y un ensayo de proyecto para la implementación del llamado Museo del Territorio Líquido, basado en el estudio de caso del Complejo Hidromineral Monte Alegre do Sul, que se centra en su paisaje del borde del agua. Adoptando los conceptos de la Nueva Museología, enfatizamos la interdisciplinariedad, la participación comunitaria y la apreciación del Patrimonio Cultural, como factores fundamentales para la reflexión directa sobre el desarrollo social de la población misma.*

**Palavras-Clave:** Museo. Museología. Museo del territorio. Patrimonio cultural. Diseño urbano. Entorno urbano. Arquitectura paisajística. Paisajismo urbano. Infraestructura verde.

## Abstract

*This article presents the conceptual bases and a project essay for the implementation of the so-called Museum of the Liquid Territory, based on the case study of the Estância Hidromineral de Monte Alegre do Sul, focusing on its waterfront landscape. Adopting the concepts of the New Museology, we emphasize interdisciplinarity, community participation and Cultural Heritage values, as fundamental factors for the direct reflection on the social development of the population itself.*

**Keywords:** Museums. Museology. Museum of the territory. Cultural heritage. Urban design. Urban environment. Landscape architecture. Landscape urbanism. Green infrastructure.

## INTRODUÇÃO

**E**ste trabalho surgiu a partir de duas percepções antagônicas e complementares, o belo e o feio, o bom e o mal.

A primeira foi a percepção da bela cidade que é Monte Alegre do Sul, o reconhecimento imediato da qualidade da sua paisagem.

A segunda foi sobre as condições dos seus corpos d'água, a degradação e o isolamento das margens do convívio das pessoas, situação desproporcional à sua importância para a vida.

Desse mal nasce a complementação ao belo, pois a feiura tem sua beleza pela possibilidade que apresenta, de mudança, de resgate, de melhoria.

## A FORMAÇÃO DA PAISAGEM DE MONTE ALEGRE DO SUL<sup>1</sup>

A Estância Hidromineral de Monte Alegre do Sul localiza-se a leste do Estado de São Paulo e compõe juntamente com outras dez cidades, o Circuito das Águas Paulista.

---

<sup>1</sup> Este trabalho apresenta os principais resultados alcançados na dissertação de mestrado desenvolvida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, tendo sido adaptado para a Revista ARA. Orientação do Prof. Dr. Paulo Renato Mesquita Pellegrino.

A cidade originou-se como rota de passagem entre Amparo, e os até então, povoados de Socorro e Serra Negra. Estes caminhos de ligação entre povoados e rotas maiores foram abertos por sertanistas para a busca e o escoamento do ouro (Lima, 2010) e invariavelmente seguiam as cotas mais planas do território, junto aos corpos d'água (Figura 1).

A configuração urbana de Monte Alegre do Sul está diretamente influenciada pela topografia local de Mares de Morros, definida pela sequência de pequenas montanhas e uma rede hidrográfica extremamente densa.

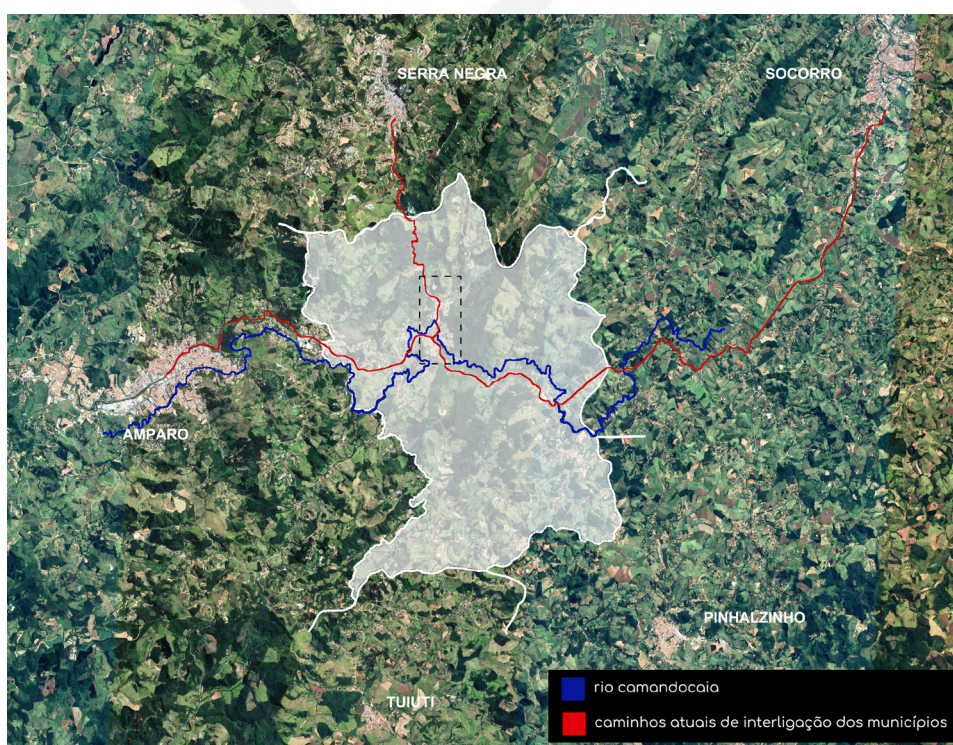


Figura 1: Caminhos atuais de interligação dos Municípios e Rio Camandocaia  
 Fonte: Instituto Geográfico e Cartográfico do Estado de SP, modificada pelo autor

Dentro das modificações territoriais e sociais é fundamental destacar a importância da cultura de café na região e a resultante construção da Estrada de Ferro Mogiana, como também o uso da mão de obra dos imigrantes nas fazendas adotando a prática, ainda incipiente, do trabalho livre.



O reflexo desse contexto sobre o patrimônio cultural da cidade fica claro na análise do patrimônio edificado que revela na zona urbana um conjunto arquitetônico de inspiração clássica, formado na virada do século XIX, auge da produção cafeeira na região. Caracterizado por um agrupamento edificado denso, de alta porcentagem de ocupação dos lotes, com pouca ou nenhuma arborização junto ao passeio.

A grande maioria das edificações segue a tipologia dada pelas fachadas de porta e janela com composições simétricas, perfeitamente equilibradas entre cheios e vazios, bem como pelas ornamentações de pilastras, frisos, áticos e beirais em cimalha. (Figura 2)



*Figura 2: Rua João da Serra  
Fonte: Foto do autor*

Já nos anos 40, a construção e reforma de alguns edifícios, como o Clube Primeiro de Outubro (Figuras 3) retomaram, de forma atemporal, os elementos da arquitetura colonial. Este movimento, conhecido como “estilo patrimônio” buscava a valorização da cultura nacional e a representação da identidade brasileira.

A valoração das camadas heterogêneas deve ser citada como uma virtude, se fugirmos das concepções, por vezes rígidas, de determinação de valor a certos

estilos e períodos, colocados como emblemáticos pela academia, pelos órgãos de preservação, ou pela própria sociedade.

Tão importante quanto os valores materiais, essas edificações guardam igualmente outras relações e valores na memória dos moradores.

[...] se todo patrimônio material tem uma dimensão imaterial de significado e valor, por sua vez todo patrimônio imaterial tem uma dimensão material que lhe permite realizar-se. (Meneses, 2012, p.31)



Figura 3: Clube Primeiro de Outubro  
Fonte: Foto do autor

O Santuário do Senhor Bom Jesus de Monte Alegre, por exemplo, tem uma ligação histórica com a fundação da cidade, onde a construção do primeiro oratório, as peregrinações e missas campais ali realizadas, contribuíram para um processo de atração e fixação urbana.

A participação popular seguiu com as reuniões da Comissão de Obras para construção da igreja atual, e permanece atualmente com eventos e festas religiosas, e é esta prática social em interação constante com o bem material que resulta nos valores mais expressivos da nossa cultura.

Sem as práticas sociais, não há significados sociais. Mas também não há significados sociais sem vetores materiais. É, portanto, apenas dentro do campo de forças e dos

padrões segundo os quais elas agem (e valendo-se de suportes materiais de sentidos e valores), que se pode compreender a gênese e a prática do patrimônio. (Meneses, 2006, p.36)

A paisagem formada pelas edificações implantadas no fundo do vale, junto aos corpos d'água e envoltas por morros recobertos por uma vegetação densa está de certa forma assegurada, pois a região está inserida na Área de Proteção Ambiental (APA) Piracicaba - Juqueri-Mirim – Área II. Ela protege as sub-bacias do rio Piracicaba, que são de extrema importância para o abastecimento de água da região e da cidade de São Paulo, contribuindo na formação dos reservatórios do Sistema Cantareira.

A sub-bacia do rio Camandocaia, que cruza todo o Município de Monte Alegre do Sul, está indiretamente interligado a este sistema, pois repõe uma parcela importante da água em sua foz no Rio Jaguari, que a montante teve suas águas reservadas para o consumo.

Dentro do recorte da zona urbana, três ribeirões descem pelos vales formando o Ribeirão Monte Alegre, que cruza o centro da cidade para em seguida desaguar no rio Camandocaia, que segue em direção às áreas rurais para alcançar o município vizinho de Amparo.

A cidade também conta com quatorze fontes públicas de água mineral, sendo que doze delas estão espalhadas pela zona urbana. Simples torneiras em postes de ferro fundido (Figura 4), adornadas por murais ou abrigadas por pequenas edificações, todas elas instaladas nas esquinas ou largos, para a boa visualização e o fácil acesso.

A relação dos habitantes da cidade com os cursos d'água e com essa vegetação circundante, pode ser descrita primordialmente por meio da formação dos caminhos de ligação que invariavelmente seguiam as cotas mais planas do território, junto aos corpos d'água. Assim como pelo uso como fonte de abastecimento humano e animal, na aguagem das plantações e como força motriz.



Porém, apesar de todo o potencial, a relação entre a população da zona urbana de Monte Alegre do Sul e o sistema hídrico da cidade é mínima. Poucos costumes cotidianos ainda persistem, como a pesca, a visita às cachoeiras, os banhos com água mineral no Balneário e a tradição de colher água nas fontes. Os corpos d'água, superficiais ou subterrâneos, não parecem fazer parte do sistema relacional e nem do funcionamento da cidade, por exemplo, como elementos de infraestrutura ambientalmente corretos.



Figura 4: Fonte da igreja em dia de carnaval / mapa das fontes e balneário  
 Fonte: Foto do autor / Instituto Geográfico e Cartográfico do Estado de São Paulo (IGC), modificada pelo autor

Entre as diversas questões que justificam a condição atual, ressaltamos um sistema de saneamento básico ineficiente e a pressão sobre as áreas de proteção permanente (APPs) com a ocupação desordenada das margens do rio Camandocaia e dos seus afluentes, dentro do limite urbano da cidade (Figura 5). Um dos dados mais estarrecedores é o fato de que somente 1,2% do esgoto é tratado no Município de Monte Alegre, sendo que todo o restante do esgoto coletado é despejado por emissários, diretamente no ribeirão Monte Alegre e no rio Camandocaia.

Considerando a dimensão abordada, e a desejável análise interdisciplinar sobre a paisagem, buscamos o entendimento da sua contribuição funcional e



pragmática, mas também como experiência estética, que é capaz de influenciar de modo decisivo na forma como as pessoas vivenciam e apreendem o ambiente. A cidade entendida como o conjunto de espaços construídos ou livres, públicos ou privados, influenciada e influenciadora dos princípios e pensamentos humanos, assim como das práticas sociais que formam a imagem e dão significado aos espaços (Meneses, 2006).



Figura 5: Vista do Morro do Cristo  
Fonte: Foto do autor

## O MUSEU COMO ARTICULADOR

Sobre a formação da paisagem e do patrimônio cultural de Monte Alegre do Sul apresentada, articulamos um plano de intervenção urbana e de desenvolvimento social a partir da transformação da borda d'água do rio Camandocaia e de alguns afluentes. No trecho em que estes cruzam o centro urbano, propomos um Museu do Território, onde o patrimônio cultural do município possa ser lido por meio de seus bens materiais e imateriais, e

através das pessoas e suas práticas sociais, que da mesma maneira estão inscritas nesse território de Monte Alegre do Sul.

Este pensamento está inserido nas bases conceituais da Museologia contemporânea e pode ter sua origem determinada no final dos anos de 1960, com o início de um movimento na área museológica voltado para as questões de cunho social.

[...] um pensamento se forja e se desenvolve, que questiona o museu, seu lugar na sociedade e suas relações com o homem e o meio ambiente, mas que ao mesmo tempo, formula respostas. (Mairesse; Desvallées, 2005, p.32).

Entre as novas teorias, surgem as primeiras experiências práticas, com destaque para os Ecomuseus, tanto por sua disseminação, quanto pela sua conceituação teórica de vanguarda, idealizada por Henry Rivière, então diretor do ICOM (International Council of Museums) e por seu sucessor no cargo, Hugues de Varine, que cunha o termo em 1971, na Conferência do ICOM em Grenoble, na qual as discussões sobre o papel da museologia vieram ressaltar o papel social do museu.

É possível afirmar que aos valores determinados pelo edifício, coleção e público, são agora colocados termos ligados à valores de cunho social e comunitário, respectivamente, o território, o patrimônio material e imaterial e a população, que passa de consumidora para atriz ou autora do museu (Poulot, 2013).

Essa inflexão no pensamento museológico se deu ao longo de uma transformação gradativa, suas bases foram formadas desde o final do século XIX com movimentos voltados para a cultura popular, notadamente os museus de tradições populares e as exposições universais. O desmantelamento da estrutura colonizadora fortaleceu esse novo olhar para a cultura regional, por intermédio da etnografia ligada à coleta de objetos de representação da sabedoria popular.

O processo de consolidação desse novo pensamento museológico é denotado por alguns documentos formatados nos diversos encontros de discussão sobre o tema. O Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus, de 1958, realizado no Rio de Janeiro, ou a Declaração de Santiago<sup>2</sup>, de 1972 que colocou uma visão revolucionária sobre o papel dos museus, sua necessária inserção na realidade das cidades, dentro do fenômeno de explosão urbana. Também deve ser destacada a Declaração de Quebec<sup>3</sup>, de 1984, pela ratificação do termo Nova Museologia, como um campo de estudo de diversas práticas e conceitos museológicos, que avançavam em direção à questão social como prioridade (Moutinho, 2010). Posteriormente, por meio da criação do MINON (Movimento para a Nova Museologia) e sua inserção como organização internacional associada ao ICOM/UNESCO, podemos dizer que as bases desse pensamento museológico, foram reconhecidas dentro de um dos objetivos da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), que é a educação para todos.

Dentro desse processo, na Declaração de Caracas<sup>4</sup> de 1992, fica claro que o museu precisa estar inserido na trama social, atuante de forma direta e específica junto com comunidade local. Assim, muda-se o entendimento sobre as formas da sua atuação participativa, não bastando mais se manter somente no papel de conscientizador social ou gestor patrimonial. (Horta, 2010)

Da mesma forma, é preciso contextualizar o pensamento da Nova Museologia, e o destaque dos Ecomuseus, com o movimento de contracultura da década de 1970 e com o fortalecimento do pensamento ambientalista, fruto da progressiva percepção crítica do caminho que a sociedade vinha seguindo.

De formulação mais recente, é possível destacar os conceitos colocados pela Sociomuseologia, concentrada na busca pelo entendimento das questões

---

<sup>2</sup> Documento final da Mesa Redonda de Santiago do Chile.

<sup>3</sup> Documento final do Ateliê Internacional Ecomuseus – Nova Museologia.

<sup>4</sup> Documento final do Seminário “A Missão do Museu na América Latina hoje: novos desafios”, realizado em Caracas, Venezuela.

contemporâneas da nossa sociedade, em que a valorização do Patrimônio Cultural deve ser colocada ante o fenômeno avassalador da urbanização, ou da urgência de estabelecermos uma nova relação com o meio ambiente. Dado o evento complexo, é ressaltada pela sua base teórica a necessária abordagem interdisciplinar e a articulação com a sociedade de forma generalizada, coletiva e individualmente, para uma instituição museal que pretende ser adaptável e pró-ativa. (Moutinho, 2007)

Dentro disso, uma condição fundamental, reforçada pela base conceitual da Sociomuseologia, é a participação ativa da população local em um processo de cogestão. Atuando na concepção, na execução e na gestão dos museus, busca-se oferecer aos moradores a possibilidade de uma formação e reflexão coletiva, em ação e reação com o meio. Um processo de educação patrimonial que crie um entendimento sobre a responsabilidade coletiva frente ao patrimônio e sua importância como capital coletivo (Varine-Bohan, 2007).

O museu parece estar fadado a contribuir para a emergência de um interesse comum no amago do espaço público [...] uma reflexão coletiva a propósito do patrimônio, do ponto de vista tanto da filiação e identidade<sup>5</sup>, quanto da experiência relativamente à alteridade<sup>5</sup>. (Poulot, 2013, p.12)

A questão da identidade, colocada na citação de Dominique Poulot, está diretamente ligada à faculdade da memória, que é fundamental no trabalho exercido pelos museus.

A construção da memória, busca por meio de um processo contínuo a formação e a transformação dessa identidade. Nesse processo, o patrimônio é entendido como uma herança, como o fio condutor de ligação de diferentes gerações, ressaltando a importância do conhecimento do passado para a construção do presente e a projeção do futuro, sempre ligado à identidade dessa comunidade.

---

<sup>5</sup> Segundo Dicionário característica, estado ou qualidade de ser distinto e diferente, de ser o outro.



Dentro desse contexto, é preciso considerar que a museologia e o patrimônio se baseiam nas teorias de salvaguarda, ligadas inicialmente à significação e ressignificação do objeto ou da edificação, e que passou posteriormente a um discurso que incorporou o patrimônio ambiental e mais recentemente o imaterial como bens da humanidade.

O entendimento de que ambos os bens, material e imaterial, são indissociáveis e interdependentes é sem dúvida o caminho para as melhores práticas de salvaguarda.

Todo objeto que mantém, para seu possuidor natural, seja um valor funcional, seja emocional, deve permanecer fisicamente em seu lugar e, a este título, fazer parte da coleção geral; todo objeto que perdeu tanto seu valor funcional como emocional e que representa um testemunho necessário à comunidade e à sua história ou de seu ambiente, deve ser recolhido e depositado nas reservas do museu, para ser ali conservado e utilizado (Varine-Bohan, Apud Barbuy, 1995, p.219).

Colocamos assim as bases recentes do pensamento Museológico, que reforçam a questão social e a cultura como contrapontos a uma sociedade que se apresenta desconectada dos seus valores fundamentais.

## O MUSEU DO TERRITÓRIO LÍQUIDO

Este museu do território busca colocar a museologia como promotora da integração da população com o Patrimônio Cultural de Monte Alegre do Sul, seja o patrimônio edificado ou ambiental, tratando-se do material ou imaterial. Gerando um desenvolvimento social para essa comunidade a partir da compreensão dos valores, da preservação e difusão desses bens patrimoniais.

O ensaio projetual apresentado deve ser entendido como um arquétipo para a abertura de um necessário processo participativo de concepção, que não pôde ser alcançado dentro dos limites dessa pesquisa. Simula um possível caminho de transformação do território abrindo uma reflexão coletiva sobre os valores patrimoniais presentes no território.

O denominado Museu do Território Líquido configura-se fisicamente ao longo dos corpos d'água e ramifica-se buscando integração aos demais elementos da paisagem em uma conjunção de usos e sentidos, em que além da fruição espacial proporcionada pela nova paisagem de borda d'água e suas relações entre espaços vegetados e construídos, seja agregado um novo componente, de conteúdo museológico.

Imagina-se o elemento água como conceito gerador, organizando por meio dele as demais relações ligadas ao cotidiano, o trabalho, o lazer, os sistemas ambientais, o patrimônio urbano ambiental, entre outras.

Esse conteúdo seria transmitido usando o próprio lugar, suas estruturas, equipamentos e o mobiliário urbano, dissolvendo os tradicionais espaços e suportes expográficos e principalmente valorizando a própria cidade. Textos, imagens, audiovisuais seriam instalados e sobrepostos fisicamente sobre bancos, árvores, postes, lixeiras, passarelas e escadarias.

Um conteúdo digital também poderia estar disponível via hardwares móveis, evidenciando um paradoxo contemporâneo, segundo o qual o uso generalizado das tecnologias e a banalização do acesso reforçam de certa forma as virtudes e a necessidade do lugar, do presencial, do espaço público onde as trocas sociais possam de fato acontecer (Ascher, 2010).

Para a leitura da proposta do Museu do Território Líquido, é apresentada uma subdivisão de camadas<sup>6</sup>, cuja sucessão forma e agrega complexidade ao lugar, sendo o projeto uma nova capa adicionada, que se combinará com as existentes e determinará um novo contexto para futuras intervenções.

Outra metodologia adotada foi a proposta pelo professor Ulpiano T. B. de Meneses em *O Campo do Patrimônio Cultural: uma revisão de premissas* (2012), que indica cinco valores de avaliação, os quais representam o caráter

---

<sup>6</sup> Metodologia proposta por Bernard Leupen no livro "Proyecto y Análisis".

imaterial e material do patrimônio e as relações flexíveis entre eles. São eles os valores cognitivos, formais, afetivos, pragmáticos e éticos.

## Água superficial

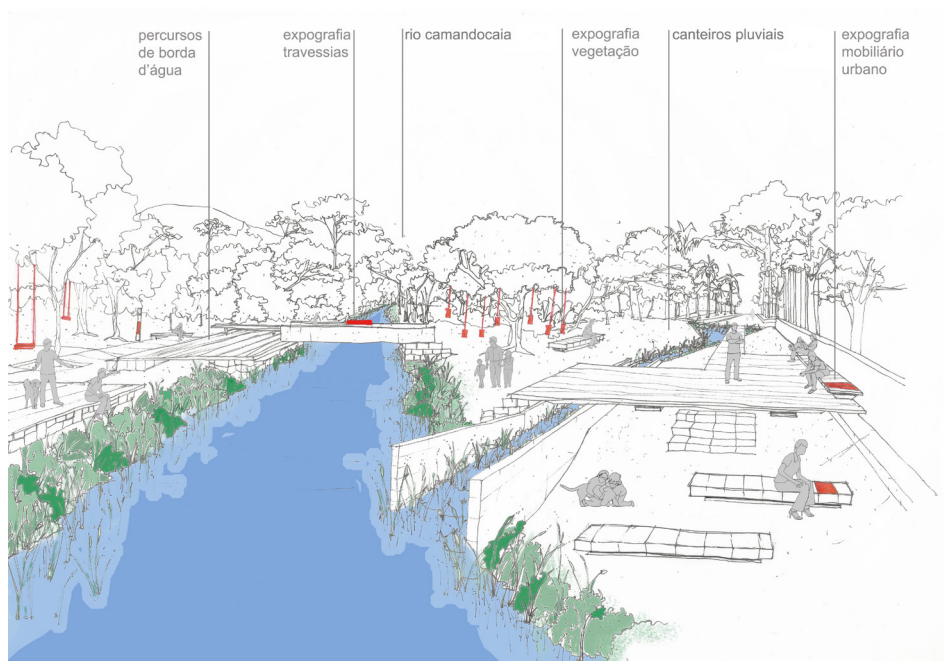


Figura 6: Existente e Proposta - Borda do Rio Camandocaia

Fonte: Foto e desenho do autor

A proposta de transformar as áreas de borda dos rios e lagos em espaços de estar e lazer, conectados por um percurso linear, junto às margens renaturalizadas, deve ser entendida como parte da construção de valores afetivos e cognitivos, ligados à memória de formação dos primeiros caminhos abertos pelos sertanistas. Ao desbravarem o território, eles se utilizavam de trajetos menos íngremes, invariavelmente localizadas nos fundos de vale.

Assim, seria possível rememorar a história da região em conjunto com uma leitura contemporânea do território, reestruturadora e socializante, e não mais pelo caráter exploratório, mas ainda por meio da sua formação topográfica e do regime de fluxo das águas.

É fundamental contudo abordar outros valores, por exemplo, éticos, ligados à dizimação dos povos indígenas, a escravização da população africana ou a relação entre imigrantes e fazendeiros, muitas vezes de embates, em uma proposta de metodologia que discuta conflitos em todas as suas possibilidades de integração de conteúdo.

O museu contemporâneo deve transcender suas obrigações “científico – documentais” e passar a discutir todos os passados, todos os credos, todos os extratos sociais, todas as justiças e injustiças, livres de amarras políticas e sociais, para que sua maior responsabilidade, que é a formação crítica da sociedade, possa ser plenamente exercida (Meneses, 1994).

Nesse contexto, o uso histórico da água como força motriz também conseguiria ser explorado como conteúdo. A apropriação do lugar, pelo entendimento da topografia e das águas, induziu o uso de locais estratégicos para a montagem de moinhos e monjolos que funcionavam a partir do fluxo das águas.

Outras relações com a água, ligadas às questões atuais da nossa sociedade poderão ser tratadas no âmbito do lugar onde o próprio projeto lidou com o tema, aliando prática e teoria em um processo de aprendizagem não convencional. Por exemplo, é possível falar sobre o ciclo da água, degradação dos rios, saúde pública, saneamento básico, renaturalização e a importância da mata ciliar.



## Vegetação



Figura 7: Existente e Proposta - Reservatório de abastecimento de água do município  
Fonte: Foto e desenho do autor

As áreas vegetadas, dentro do recorte proposto, caracterizam-se especialmente pelas áreas de preservação permanente localizadas nas bordas dos corpos d'água.

Aproximando o conceito formal de sustentabilidade e patrimônio ambiental, é possível argumentar que para a preservação e transformação de tantos outros bens materiais e imateriais, de resgate da memória e consequente formação da identidade de qualquer comunidade, é preciso se manter a disponibilidade de recursos naturais. A fauna e a flora como fonte de matéria prima, de biodiversidade e de qualidade de vida, ressaltando seu valor como provedor de conhecimento, ou de valor pragmático, não só pelo significado de utilidade, bem como pela sua virtude de autorregeneração. Mais do que isso, o

patrimônio ambiental deve ser entendido também como lugar, de valor concreto e simbólico, formal e afetivo, para o exercício pleno das práticas sociais (Arantes, 2009).

Assim, a construção de um conteúdo museológico poderá discorrer sobre os diversos valores acima citados, relacionando a vegetação e a água como bens interdependentes e constituintes do patrimônio cultural de Monte Alegre do Sul. Onde o uso livre, com atividades de lazer de baixo impacto e com função educacional, sobre essa faixa vegetada, primordialmente de preservação permanente, possa impactar positivamente no desenvolvimento social e na conscientização ambiental, a partir da vertente cultural.

## Conexão

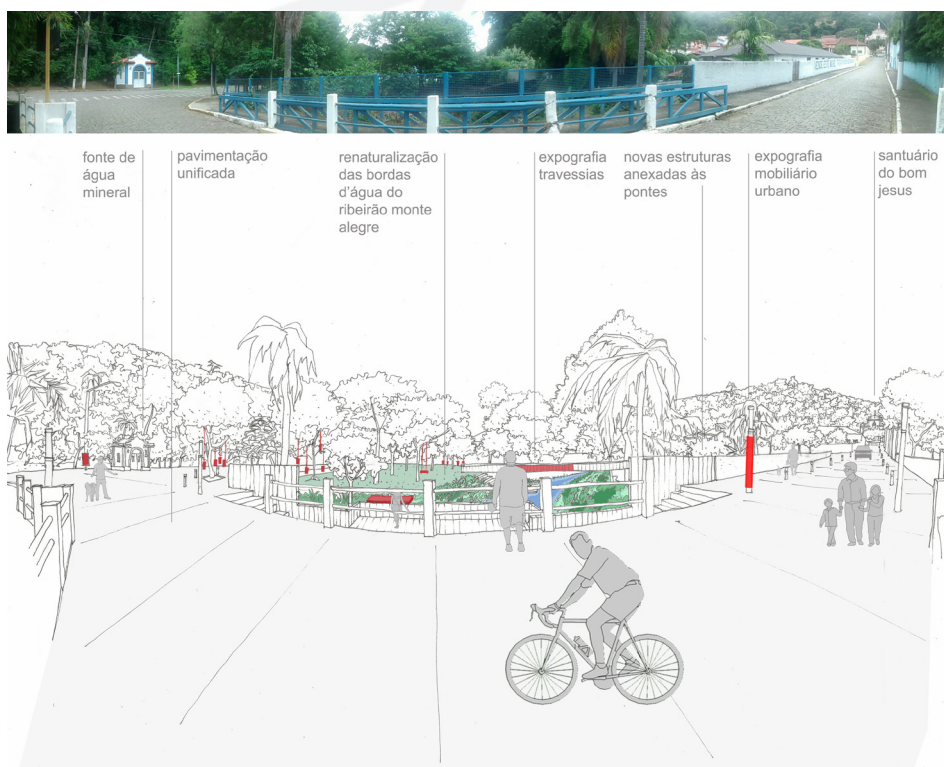


Figura 8: Existente e Proposta - Eixo de ligação fonte, ribeirão monte alegre e igreja  
Fonte: Foto e desenho do autor

Esta camada, formada por lotes de borda d'água e algumas edificações, interliga-se às demais camadas, expandindo o entorno imediato dos corpos d'água, criando conexões e miscigenações com outras estruturas da cidade.

Sua incorporação, na proposta de configuração linear e contínua do museu, depende na prática de instrumentos legais da administração pública, que possam ser usados de forma específica em cada trecho do recorte proposto.

Dessa forma, o museu proposto e mais especificamente a camada em questão, seria a estruturadora de um sistema constituído de espaços públicos ou privados, livres ou construídos, permeados por suas complexidades e futuras desvirtuações.

Dentro dessa colocação, é primordial ressaltar a importância dos espaços públicos como articuladores da cidade, e viabilizadores de uma nova relação de convivência entre os rios, os demais espaços da cidade e a população, tornando-se estruturadores de novos caminhos e ligações, relacionando espaços, conectando edificações e usos.

O que torna tão difícil suportar a sociedade de massas não é o número de pessoas que ela abrange, ou pelo menos não é este o fator fundamental; antes, é o fato de que o mundo entre elas perdeu a força de mantê-las juntas e de relacioná-las umas com as outras e de separá-las (Arendt, 1991, p.62).

Efetivamente alguns desses lotes seriam capazes de compensar outros espaços e construções que foram suprimidos para a devida recomposição da área de proteção permanente ou para a renaturalização dos corpos d'água com alargamento e possibilidade de inundação das suas margens.

Nesse ensaio, algumas edificações existentes também seriam utilizadas como pontos de conexão com Museu do Território Líquido, a antiga Prefeitura, a Estação Ferroviária e o Santuário do Bom Jesus, poderiam manter seu uso histórico ou cotidiano e estarem ligadas ao conceito gerador. A água, enfim, está sempre presente, até mesmo na pia batismal do Santuário do Bom Jesus.

O conteúdo museológico, se efetiva então, através da argumentação dessas questões sobre o patrimônio ambiental urbano, suas interligações e valores éticos e cognitivos, ligados à ocupação histórica das margens dos rios, muitas vezes predatória e desordenada, ao direito à propriedade e a função social da terra. Junto a estas questões seria possível agregar a discussão ambiental, por



exemplo, possibilitando o entendimento sobre a importância das áreas de inundação nas bordas dos corpos d'água e sua função ecológica e paisagística, entre outros aspectos.

## Água Subterrânea

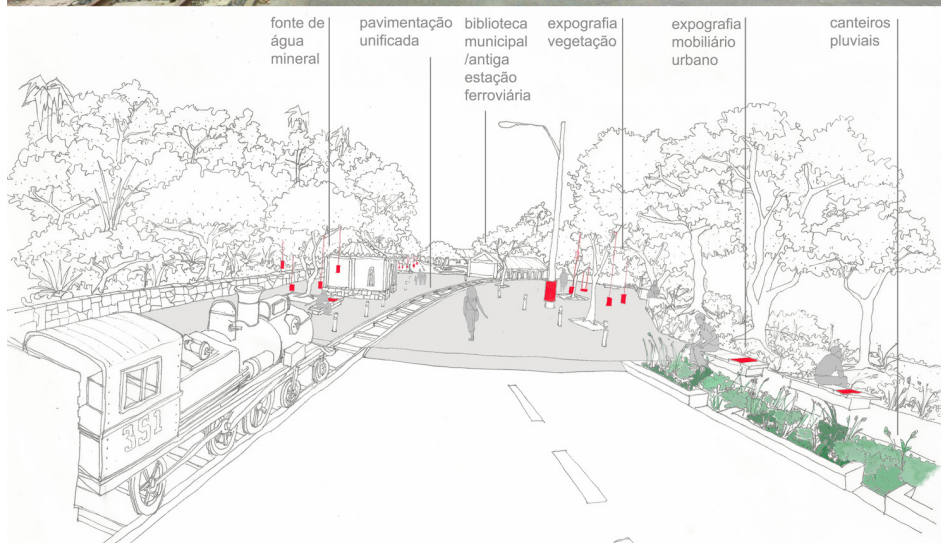


Figura 9: Existente e Proposta - Praça da antiga estação da Companhia Mogiana  
Fonte: Foto e desenho do autor

Mesmo com a manutenção precária ou reformas equivocadas, todas as fontes localizadas na zona urbana, e o balneário, preservam tanto seu valor pragmático, de uso, como uma identidade visual e uma forte carga simbólica de ligação dos moradores com a água. Como pequenas capelas e altares, as fontes são verdadeiros santuários onde a água jorra incessantemente,



servindo ao morador que enche seus garrafões assim como ao visitante, que faz uma parada em seu passeio para tomar um gole de água fresca.

O valor cognitivo, atribuído às fontes e ao Balneário, justifica-se pela ligação de ambos à história de formação e desenvolvimento da cidade, com seus usos e costumes, igualmente aos materiais e técnicas empregadas, desde o ferro fundido das torneiras, às alvenarias de tijolos de barro ou os murais de azulejos.

A ambiência que esses locais proporcionam ao observador, por meio da sua estética e da sua implantação urbana, formando largos, pequenas praças, pontos de interesse nas esquinas ou confluências, atribuem valor formal a estes equipamentos, valores ligados à percepção e ao sensorial.

Todos esses valores são ressaltados e reforçados no ensaio usando uma ação projetual frugal, que é a unificação e nivelamento do calçamento proporcionando acessibilidade e proteção para o transeunte, que passa a circular na mesma cota de nível das calçadas. Esse calçamento engloba outras ruas, edificações e praças, valorizando eixos visuais e a ambiência com os demais elementos do entorno, funcionando como meio de interligação e leitura do território.

A expografia integrada a esses novos espaços mantém a ideia de transmitir as questões ligadas ao conceito gerador e à referida camada, ressaltando o valor cognitivo da técnica construtiva ou o valor afetivo, pela carga simbólica das fontes. Incluem-se como conteúdos integrados, a conservação e reuso da água, a escassez, a qualidade e conservação dos aquíferos, contribuindo para esse processo de ressignificação das fontes de água mineral.

## Transposição

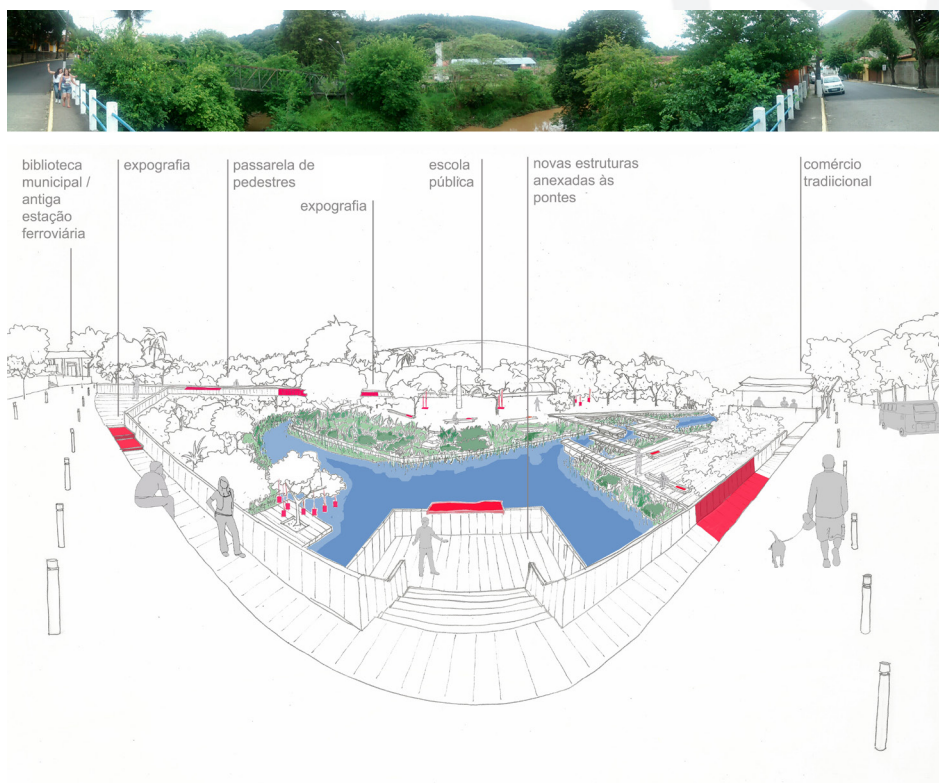


Figura 10: Existente e Proposta - Ponte sobre o Rio Camandocaia  
Fonte: Foto e desenho do autor

A camada que ressalta as pontes e passarelas dentro do recorte proposto, parte da identificação inicial destas estruturas na cidade como elementos de transposição dos cursos d'água e conexão com o sistema de circulação viária, notadamente o leito carroçável e o sistema peatonal de calçadas. Essas estruturas, porém, guardam outras relações e valores.

A antiga ponte de ferro, por exemplo, que servia para transposição do rio Camandocaia pela linha férrea da Companhia Mogiana, guarda por si só valores cognitivos, ligados pela materialidade da técnica empregada na construção em ferro, e pragmáticos, pelo valor simbólico do trabalho. Considerando também outra relação, através do valor afetivo, entendemos que a memória e a identidade dos moradores estão ligadas com a ferrovia pela sua conexão com uma época de prosperidade econômica da região, durante o segundo ciclo do café.

Essas estruturas marcam igualmente locais de tensão, provocada pelo encontro e sobreposição das águas e igualmente de contemplação, pela perspectiva panorâmica que se abre das pontes para o próprio rio e para a vegetação circundante, assim como para os outros elementos do entorno.

O ensaio projetual sugere então reforçar estas vocações de ligação, contemplação e tensão, junto aos valores pragmáticos, do uso, da valorização do trabalho, da técnica e do esforço humano na construção dessas estruturas que se adaptam ao território, e ao mesmo tempo o transformam. Para tanto, são propostas novas estruturas, compostas por pisos, passarelas e escadas, que se apoiam nas pontes existentes, e em uma relação de simbiose criam novos usos para além da simples passagem, avançando sobre a função meramente viária, criando novos acessos aos rios, mirantes e locais de lazer.

Outras construções de valores poderiam ser feitas, ressaltando as relações entre a estrada de ferro e a produção de café, por exemplo, a prosperidade das fazendas e a influência política e econômica dos fazendeiros na construção da estrada de ferro para o escoamento da produção. Seguindo uma relação histórica, também é possível apresentar os vínculos econômicos mundiais e o impacto da crise de 1929 no declínio da produção, da região e da própria ferrovia, e tantas outras relações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre o olhar lançado à Estância Hidromineral de Monte Alegre do Sul e seu reflexo em tantas outras cidades semelhantes, percebemos que estamos, sem dúvida, longe de uma discussão ampla, ou de realizações práticas ideais sobre o uso e conservação dos nossos bens patrimoniais em benefício de um desenvolvimento social comum.

A partir da valorização do Patrimônio Cultural apresentamos uma primeira aproximação sobre o conteúdo e a forma deste Museu do Território Líquido,

sendo imprescindível que estas e tantas outras relações de valor sejam contextualizadas através de uma análise contemporânea.

Essencialmente, ir em direção ao movimento das últimas décadas, quando os museus passaram, com mais frequência, a tratar de minorias, conflitos locais, ética e gênero. Com a presença da comunidade local, junto aos especialistas, formulando essas questões e contribuindo para a construção da memória coletiva, gerando lugares e conteúdos que reflitam um entendimento das diferenças e semelhanças das culturas formadoras daquela sociedade.

A participação de cunho educacional na conceituação, viabilização e gerenciamento do museu, envolve a apropriação do território pela população e a reflexão sobre a determinação de valores de cada lugar, de cada objeto, de cada prática, da compreensão das múltiplas interações sobre os valores materiais e imateriais, e como esse processo contínuo de aprendizado pode contribuir para entendermos quem somos, quais são nossos valores pessoais e comunitários, e a partir daí construir um caminho de desenvolvimento social coletivo.

O Museu como formador de uma identidade a partir da contestação da cultura ocidental, mantendo-se aberto para os múltiplos e mutáveis discursos da memória, contra a mercantilização e espetacularização que exclui uma aproximação crítica e acadêmica (Poulot, 2007).

O Museu do Território Líquido, representado primordialmente pelo vigor dos corpos d'água revelados para a cidade, destaca-se como um novo vetor das relações de uso e percepção da paisagem, a partir da integração do Patrimônio Cultural de Monte Alegre do Sul, da efetiva participação da comunidade local, e da sua contribuição no desenvolvimento social local.



## BIBLIOGRAFIA

- Alteridade. In: Dicionário Michaelis. Disponível em <  
<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/alteridade/>>. Acesso em 29 de novembro de 2017.
- Arantes, Antônio Augusto. Patrimônio e cidades. In: Fortuna, Carlos & Leite, Rogério Proença (org.) Plural de cidades: léxicos e culturas urbanas. Coimbra: Almedina; 2009. p. 10 – 24.
- Arendt, Hannah. A condição humana. 5. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1991.
- Ascher, Francois. Os novos princípios do urbanismo. São Paulo: Romano Guerra; 2010.
- Barbury, Heloisa. A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Ser. v.3, 1995. p. 209-236
- Horta, Maria de Lourdes Parreiras. Vinte anos depois de Santiago: A Declaração de Caracas (1992). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org). O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: documentos selecionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; 2010.
- Leupen, Bernard, et al. Proyecto y Análisis: Evolucion de los principios em arquitectura. Barcelona, Editora Gustavo Gilli; 1999.
- Lima, Roberto Pastana Teixeira. Apontamentos para a História de Monte Alegre do Sul. Amparo: Gráfica e Editora Foca; 2010.
- Mairesse, François; DESVALLÉES, André. Brève histoire de la muséologie, des inscriptions au musée virtuel. In: MARIAUX, P. A. (Ed.). L'objet de la muséologie. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, Institut d'Histoire de l'Art et de Muséologie; 2005. (Col.L'Atelier de Thesis, n. 2).
- Meneses, Ulpiano Toledo Bezerra de. O Campo do Patrimônio Cultural: uma revisão de premissas. In: IPHAN. I Forum Nacional do Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009. Brasília: IPHAN; 2012, p.25-39.
- \_\_\_\_\_. A cidade como bem cultural – Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance da preservação do patrimônio ambiental urbano. In: Mori, V.H. Patrimônio: atualizando o debate. São Paulo: 9.SR / Iphan; 2006. p.35-76.

- \_\_\_\_\_. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico. Anais do Museu Paulista – História e Cultura Material, São Paulo; 1994, n-2, p. 9 – 42.
- Moutinho, Mario Canova. A Declaração de Quebec (1984). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org). O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: documentos selecionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; 2010.
- \_\_\_\_\_. Definição de Museu de Sociomuseologia – Proposta de Reflexão, XIII Atelier Internacional do MINON, Lisboa; 2007.  
<<http://redemuseumemoriaemovimentossociais.blogspot.com.br/2010/08/definicao-de-sociomuseologia-mario.html>> Acessado em 10.10.2017.
- Poulot, Dominique. Museu e Museologia, Belo Horizonte: Autêntica; 2013.
- \_\_\_\_\_. Le musée d`histoire em France entre traditions nationales et soucis identitaires. Anais do Museu Paulista; São Paulo, 2007. vol. 15, p. 293 – 316.
- Spinazzola, Eduardo. Museu do Território Líquido: O Patrimônio Cultural na Estância Hidromineral de Monte Alegre do Sul. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018
- Varine-Bohan, Hugues de. A Respeito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org). O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: documentos selecionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; 2010.
- \_\_\_\_\_. Reflexões sobre um Museu de Território, 2007. <<http://www.museudodouro.pt/tpls/mu/files/encontros/pdf/hugues.pdf>>. Acessado em 10.12.2017